



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 19 – 2005

«Pais incomparáveis»

Ninguém começa do nada. Santa Teresa do Menino Jesus não se entende sem o conhecimento de seus pais e família. Lê-se na biografia de S. Pio X que certo dia a Sra. Sarto, abeirando a sua aliança do anel pastoral de seu filho, o futuro Papa Sarto, exclamou: “Sem esta não terias conseguido esse”. O mesmo podemos dizer de Teresa do Menino Jesus. Sem a atmosfera, o ambiente patriarcal da Rua de S. Brás e dos Buissonnets a ascensão da Carmelita de Lisieux não teria sido tão rápida. Por isso mesmo ela começa a sua história dizendo: “A Flor que vai contar a sua história alegra-se por ter para apregoar as delicadezas absolutamente gratuitas de Jesus ... Foi Ele que a fez nascer numa terra santa e como que toda impregnada de um perfume virginal. Foi Ele que a fez preceder de oito Lírios resplandecentes de brancura” (Ms A 3v).

Foram seus pais Célia Guerin e Luís Martin.

Célia nasceu a 23 de Dezembro de 1831. Foram seus pais Isidoro Guérin e Luísa Joana Mace. Deste casal nasceram três filhos; duas raparigas e um rapaz: Maria Luísa e Célia, nascidas com dois anos

de diferença e Isidoro com dez anos. Este viria a ser o mimado da casa.

O pai era o homem bom, a bondade em pessoa, duma rectidão proverbial e dum desenvolvido sentido cristão. Embora de formação castrense amava as suas filhas e elas correspondiam a esse amor. Os sofrimentos vieram-lhe da parte da mãe, mulher de uma fé de transportar montanhas, mas com pouca psicologia própria dos educadores natos. Apesar da sua verdadeira ternura maternal, por falta de sentido pedagógico, choca dolorosamente com a filha adornada de uma excepcional delicadeza.

O pai, que nunca rejeitou esforços para dar uma boa formação aos seus filhos, confiou as duas filhas, como externas às religiosas dos Sagrados Corações que

gozavam na região de grande prestígio. Célia recebeu ali esmerada educação e formação da qual dá provas mais tarde no seu epistolário. Ela recordará ao seu irmão, como em brincadeira, os sucessos de tempos idos: “Então alcancei o primeiro prémio na redacção. E em onze composições, alcancei dez vezes o primeiro prémio, e, por isso mesmo, pertencia à primeira divisão e à classe superior, sendo como que uma juiz da capacidade das outras”.

Tinha grandes desejos de ser santa: “Quero ser santa. Não vai ser fácil. Há muito que devastar, e o tronco é duro como a pedra”. Dirige para Deus todo o seu potencial afectivo, mas o seu temperamento vivaz e a sua ternura, cheia de misericórdia, leva-a para os doentes e os pobres. Para isso procura as Irmãs de S. Vicente de Paulo. Acompanhada de sua mãe apresenta-se no hospital de Alençon e revela os seus desejos e vontade de ser religiosa à superiora. Esta responde que tal não é a vontade de Deus.

Perante tão categórica resposta, Célia baixa a cabeça com tristeza e eleva ao céu esta súplica: “Meu Deus, já que não sou digna de ser vossa esposa

... aceitarei o Matrimónio para cumprir a vossa santa vontade. Então dai-me, peço-vos, muitos filhos, e que todos se consagrem a Vós”.

Luís Martin nasceu a 22 de Agosto de 1823 em Bordéus. Foi seu pai Pedro Martin, capitão do exército que desposou a segunda filha do capitão Boureau, Maria Ana Fanil. Desta união nasceram cinco filhos: Pedro que morreu muito jovem num naufrágio, Maria, falecida aos 22 anos, Luís, Fanny que se ausentou da terra aos 26 anos e, finalmente, Sofia que morreu aos 9 anos. De Luís disse o santo arcebispo de Bordéus, em tom profético: “Alegrai-vos! Este menino é um predestinado!”.

A profissão de militar de Pedro Martin levou a família de Bordéus para Avignon e daqui para Estrasburgo,



onde o capitão Martin exerceu o cargo de ajudante de campo do Estado Maior. Ao chegar o tempo da reforma, 12 de Dezembro de 1830, retirou-se para a Normandia, concretamente, Alençon, onde encontraria melhores meios para a formação e colocação de seus filhos. Uma senhora da classe alta, que o conheceu muito de perto e nutria por ele uma grande consideração, dizia no locutório de Lisieux às suas netas: "Que santos existem na vossa família!".

Os pais procuram, diligentemente, a educação de Luís. Embora pareça não ter frequentado o ensino secundário, iniciou-se suficientemente na aprendizagem do francês, de tal maneira, que podia apreciar o mérito dos livros selectos e dar-se ao estudo pessoal dos autores clássicos.

Apesar de ser filho de militar e de família de militares, dado à aventura, escolhe uma profissão de vida sedentária. A sua sensibilidade de artista, que aparece nos seus desenhos de traços firmes, levou-o para trabalhos primorosos. Dedicar-se-á a cinzelar objectos de valor. Durante a sua permanência em Rennes preparou-se para a arte de relojoaria. E nos anos de 1842 e 43 encontramos-lo na capital da Bretanha, em casa dum primo de seu pai que exercia essa profissão. Daqui empreende uma viagem, escalando as montanhas da Suíça, chegando a Berna, dez dias depois. Regressa por Bale a Estrasburgo. Aqui o turista converte-se em peregrino, abeirando-se do célebre mosteiro do grande S. Bernardo. A arte de relojoaria exige muita aplicação, uma longa aprendizagem e repetidas experiências. As relações que os seus familiares conservavam em Estrasburgo proporcionaram-lhe essa possibilidade.

Pelos primeiros dias de Outono de 1845 Luís Martin acaba de cumprir 22 anos. É o momento de optar: ou pelo matrimónio ou pelo sacerdócio. Preferiu o claustro. Abeirou-se do mosteiro de S. Bernardo de Estrasburgo. O Prior recebeu Luís afavelmente, dialogou com ele sobre os motivos da sua viagem, sobre a sua família e os seus antepassados. Luís não tinha cursado o ciclo da formação clássica, o que era um inconveniente. E ao saber que o conhecimento da língua latina era indispensável ficou decepcionado. Ainda fez tentativas mas foram infrutíferas. Uma doença obrigou o jovem a deixar os seus amados livros e a dedicar-se a ocupações menos absorventes. Viu neste acontecimento uma indicação providencial e dedicou-se novamente à sua arte. Esta leva-o até Paris onde permanece pelo

espaço de uns três anos. A sua estada em Paris - a moderna Babilónia - foi uma grande prova para a fé de Luís.

Deixando Paris instala-se em Alençon, em casa de seus pais, onde estes têm uma relojoaria e joalheria. De temperamento tranquilo e meditabundo leva durante oito anos uma vida de trabalho, somente interrompido pela pesca que é o seu "passatempo favorito", a caça e as veladas com jovens do Círculo Católico, fundado por um amigo seu. Apesar de perder boas vendas, nunca abre a sua loja aos Domingos. Não se envergonha da sua fé. Vai vários dias da semana à Missa, à adoração nocturna, participa em peregrinações. É um rapaz elegante, olhos claros, porte afável, requisitos que não deixam indiferentes as raparigas de Alençon, mas ele parece ignorá-las. A compra do Pabellon ainda mais o isola, pois aí se retira muitas vezes para ler, meditar e cuidar do jardim.

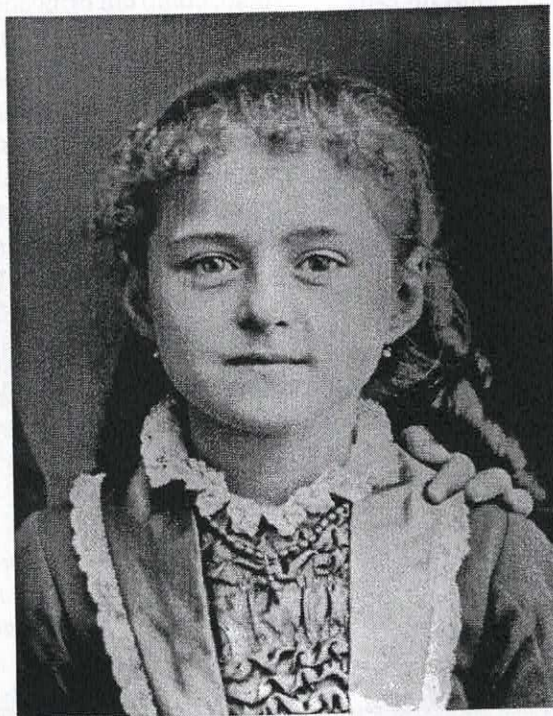
A senhora Martin vive preocupada com o seu filho; são 34 anos e ainda solteiro. Durante um curso, por ela frequentado, para aprender a técnica do ponto de Alençon fixou-se numa jovem, amável e muito cristã, bem dotada para esta arte, que tornou famosa Alençon em toda a Europa. Esta seria a ideal para Luís.

O encontro entre Luís Martin e Célia Guérin deu-se, não por iniciativa dele mas dela. Todos os biógrafos estão de acordo que Célia o encontrou numa ponte e teve a inspiração divina de que aquele homem estava destinado a ser seu marido. Reconheceu que tinha afinidades com aquele homem afável, embora solitário. Transcorridos três meses estavam casados. Fixam a

sua residência em Alençon, ela dedicada à indústria do "ponto de Alençon" e Luís à sua profissão de relojoeiro.

A sua vida matrimonial começa de uma maneira muito surpreendente: Luís propõe a sua mulher viver como irmão e irmã. Ela aceita a proposta e, assim viveram durante dez meses até que um confessor os fez mudar de ideias. E fizeram-no de um modo tão radical que entre 1859 e 1870 tiveram nove filhos. Nestes anos os nascimentos e mortes alternam-se a um ritmo acelerado. Nesta segunda metade do século a mortandade infantil é uma praga. Em três anos e meio, os Martin perdem três filhos pequenos e uma linda menina de cinco anos e meio. A estas mortes devemos somar, mais ainda, a dos pais e sogro de Célia entre 1859 e 1868. Agora compreende-se que ela tenha escrito ao nascer a sua última filha: "Tenho sofrido muito na minha vida".

Célia veio a falecer aos 46 anos de idade de doença cancerosa. Luís Martin, aconselhado pelo seu cunhado, Isidoro Guérin, deixa Alençon, vendendo tudo o que



ai possui e fixa residência em Lisieux, juntamente com as suas 5 filhas, numa mansão bem bonita chamada *Os Buissonnets*. O santo patriarca confiará a direcção da casa à sua filha maior Maria. Mas pouco a pouco os passarinhos vão abandonando o ninho até Luís Martin ficar sozinho com a sua filha Celina. A sua filha Paulina entrará no Carmelo de Lisieux a 2 de Outubro de 1882, tomando o nome de Irmã Inês de Jesus. Maria, a filha mais velha, entrará no mesmo Carmelo no dia 15 de Outubro de 1886, tomando o nome de Irmã Maria do Sagrado Coração. Maria Francisca Teresa Martin ingressou também no mesmo Carmelo a 9 de Abril de 1888, tomando o nome de Irmã Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. A Celina segue os mesmos passos de suas irmãs entrando no Carmelo de Lisieux no dia 14 de Setembro de 1894, tomando o nome de Irmã Genoveva da Santa Face. Finalmente Leónia, depois de algumas tentativas falhadas, acabará por ingressar no mosteiro da Visitação no dia 28 de Janeiro de 1899, tomando o nome de Irmã Francisca Teresa.

O santo patriarca, embora tenha oferecido voluntariamente as suas filhas ao Senhor, não deixará de sofrer pelo acontecido. A Celina não deixará “o papá” enquanto não o ajude a fechar os olhos a este mundo, o que veio a acontecer, no dia 29 de Julho de 1894.

A família de Santa Teresa do Menino Jesus

Ainda não estamos totalmente convencidos, tanto a nível popular como de pensamento, da importância que o amor tem na formação biológica, psicológica e espiritual da pessoa humana. O que a pessoa humana mais necessita para o seu desenvolvimento a todos os níveis é nutrir-se de amor. Tudo aquilo que possamos ser, o que fazemos e acreditamos, tudo depende do amor. E não só do amor que recebemos directamente dos nossos pais, mas do amor que eles por sua vez receberam. O amor que damos não é mérito exclusivamente nosso, foi-nos dado ao longo das gerações.

E a primeira e insubstituível escola onde se faz a aprendizagem do amor é a família. A instituição familiar é o espaço adequado para a conformação do sujeito humano. A família, como diz o Concílio Vaticano II: “É escola do mais rico humanismo” nela “coincidem distintas gerações e se ajudam mutuamente a conseguir uma maior sabedoria” (GS 52, 1-2). É aqui que se transmitem os grandes valores convertidos em projectos de vida.

Na família abrem-se caminhos para o desenvolvimento da verdadeira relação interpessoal pela qual se

consegue a estabilidade afectiva, uma vez que as relações entre os membros da comunidade familiar estão inspiradas e guiadas pela lei da “gratuidade”. A família está constituída por um complexo de relações interpessoais mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na “família humana” e na “família de Deus”.

São muito raros os grandes santos que se destacam sozinhos e como desligados do torrão familiar. O mais normal é chegar à vida mística, inspirando-se no ambiente do lar. E Teresa não faltou à regra. Ela foi escolhida por Deus para ensinar ao mundo a arte de santificar a vida ordinária, a grandeza das coisas pequenas, a vida do amor que tudo dignifica e engrandece. Ela ensinou, mas por sua vez aprendeu e fê-lo na escola da sua família. O nascimento da sua grandeza está precedido por uma ascendência de cristãos exemplares. Sobre o seu berço debruçou-se o rosto de muitos santos.



O Cardeal Mercier exclamava com alegria ao encontrar aqui uma pauta providencial: “Que felicidade a minha, ao saber que Santa Teresa do Menino Jesus é a recompensa duma família modelo! É preciso não cessar de repetir isto por todas as partes”.

No Ano internacional da Família foram exaltadas diversas testemunhas de santidade conjugal. No dia 26 de Março de 1994 o Papa João Paulo II declarou canonicamente as virtudes heróicas de Célia Guérin e de Luís Martin, pais de Santa Teresa do Menino Jesus.

Já no longínquo 1923, o P. João Vicente de Jesus Maria, hoje servo de Deus, escrevia na revista por ele fundada: “O senhor Martin deve ser proposto como modelo a todos os pais cristãos”. O senhor Martin “personifica plenamente o ideal santo da paternidade cristã. É espelho da autoridade unida à doçura, da piedade irmanada com a bondade, de uma constante fidelidade a

todas as leis de Deus e da Igreja ... Jamais se deixou vencer pelo respeito humano ... A sua esposa rivalizava com ele na prática das virtudes. Activa, inteligente, generosa, com o seu exemplo e bondade derramava à sua volta o bom odor de Cristo e todos falavam da sua honestidade, caridade e devoção”.

E não só estes pais devem ser exaltados, mas toda a família. O Carmelita francês, P. Filipe de la Trinité (+ 1975), voz autorizada na Sagrada Congregação do Santo Ofício, mais tarde Congregação para a Doutrina da Fé, da qual fazia parte como consultor, propugnou, convicto, por muito tempo, a ideia de uma canonização conjunta de toda a família Martin - Guérin, os pais com as quatro filhas religiosas, pois a Teresa já tinha sido canonizada. É desta família que vamos falar.

Pais incomparáveis

O adjectivo que Teresa usa para qualificar os seus pais é “incomparáveis”. “Tenho a felicidade de ter os pais incomparáveis”(Ms A 4r); “o meu coração, aliviado pela bondade com que o meu incomparável pai ...”; “Depois de ter abraçado todos os membros da minha querida família, ajoelhei diante de meu incomparável pai, pedindo-lhe a benção” (Ms A 69r). “Jesus queria, no seu amor, fazer-me conhecer a mãe incomparável que me tinha dado” (Ms A 4v).

Dois meses antes de morrer, Teresa escreve ao P. Bellière dizendo: “Deu-me Deus um Pai e uma Mãe mais dignos do Céu do que da terra. Pediram ao Senhor que lhes desse muitos filhos e que os tomasse para Ele. Este desejo foi ouvido. Quatro anjinhos voaram para o Céu e as cinco filhas que ficaram na arena tomaram Jesus por Esposo” (CT 261).

Teresa ao recordar os anos da sua infância escreve: “Como os passarinhos aprendem a *cantar* ouvindo os pais, assim as crianças aprendem a ciência das virtudes, o *canto* sublime do Amor divino, junto das almas encarregadas de as formar para a vida” (Ms A 53r).

Família Martin - Escola de virtudes

Teresa de Lisieux fala da sua família como “terra santa ... impregnada de um *perfume virginal*”.

No escudo de armas, por ela pintado, aparece uma flor sobre uma terra verdejante. A flor é ela e a terra verdejante a sua família (Cf. Ms A 85v). As vivências mais profundas e as experiências positivas de Teresa têm as suas raízes no seio da sua família. Por isso mesmo não podemos falar dela sem falar da família, nem desta sem falar da santa. Mais tarde, já madura espiritualmente, reconhecerá muito agradecida: “Com uma

natureza como a minha, se tivesse sido educada por Pais sem virtude ... ter-me-ia tornado muito má e talvez me tivesse perdido ... Não tenho à minha volta senão bons exemplos, queria, naturalmente, imitá-los” (Ms A 8v).

Teresa interroga-se muitas vezes como é que Deus lhe deu uma família assim. “Pergunto-me por que razão me concedeu Deus a graça de pertencer a uma família tão boa” (CT 172).

Ela, ao abrir os olhos a esta vida, sente à sua volta uns seres que transpiram amor, alegria e solidariedade. Ao recordar a sua infância escreve: “Aproveu a Deus rodear-me de amor toda a minha vida. As minhas primeiras recordações estão marcadas pelos mais ternos sorrisos e carícias!...Mas, se colocou junto de mim muito amor, também pôs muito dentro do meu coraçãozinho, criando-o amante e sensível, e assim eu amava muito o Papá e a mamã e testemunhava-lhes a minha ternura de mil maneiras, pois era muito expansiva” (Ms A 4v). E numa das suas poesias dirá. “Deus pôs à minha volta uma cerca de amor” (PO 18).

Pais “sacramentos” de Deus

Deus sempre foi para o homem algo inacessível e inabordável em si mesmo. Mas, ao mesmo tempo, também é considerado como próximo e condescendente com os desejos, orações e sacrifícios das pessoas. A Ele se pode chegar não por meio do discurso e raciocínio, mas pela tomada de consciência das nossas experiências ou vivências humanas mais profundas que estruturaram a dimensão religiosa. Entre essas experiências ou vivências fundamentais devemos contar, sem sombra de dúvida, o amor, dada a importância que esta experiência ou vivência tem na génese e constituição da pessoa humana. Teresa tem uma forte experiência do amor. Tudo à sua volta

respira amor. Ela observa como se processa a vida de amor para descobrir e falar de Deus.

O casal Martin não fez do seu lar um convento, mas uma família cristã, “sacramento” da “família de Deus”. Para isso foram configurando todas as relações familiares e todos os acontecimentos naturais e cristãos numa maneira tão clara e simbólica em ordem a Cristo e à Igreja, orientados tão abertamente a Deus, que na mais terrenal vida diária se tornava visível e sensível uma realidade nova. A família Martin era imagem da sagrada Família, modelo, por sua vez, da família sobrenatural de Cristo: “Aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50).

Esta família, em que Teresa nasceu e cresceu, era um lugar de santidade, e em virtude da realidade sim-



bólica natural da família, ela aprendeu a ler e entender, imediatamente, em imagens carnavais, naturais e terrenas o que é a santidade de Deus e da Igreja. Os pais de Teresa não são “cristãos burgueses”, embora pertençam à pequena burguesia, mas pessoas profundamente piedosas, cuja religiosidade brota de fonte viva, pois procuram com toda a sinceridade do seu coração a vontade de Deus e o seu cumprimento. Nesta família não há tibieza nem formalismo. O que pode incomodar ou parecer mal é fruto da época.

Como diz Von Balthasar, “Teresa nasce dentro dum mundo familiar, que se converte para ela, imediatamente e de um modo permanente, numa imagem do céu”.

Embora sobre a mãe Teresa não tenha muito que contar, pois morreu quando ela ainda não tinha 5 anos (4 e 8 meses), contudo imprimiram-se no seu coração rasgos desta figura amada: “Ah! como o coração de uma mãe é delicado! Como traduz a sua ternura em mil cuidados previdentes nos quais ninguém pensaria! ...” (Ms A 6v).

Ela guardará recordações indeléveis da sua mãe. O seu sorriso e o seu olhar profundo ficarão gravados para sempre na sua memória: “Da Mamã encantava-me o sorriso; / O seu profundo olhar parecia dizer: / ‘A Eternidade deslumbra-me e atrai-me.../ Irei para o Céu azul / Ver a Deus! ...’” (PO 18).

É tão profunda a marca que a mãe deixa na vida de Teresa que a levará a compreender o amor maternal de Deus. Quando ela escreve: “Deus é mais terno que uma mãe” (Ms A 80v), está por detrás a experiência de carinho de sua mãe.

O senhor Martin é o centro da família. Venerado, querido quase divinizado é para Teresa a unidade imediatamente dada e jamais desaparecida da autoridade e do amor. Na relação com ele, Teresa jamais o temeu e aprende que obediência e amor formam indiscutivelmente um todo. No fundo, são uma mesma coisa. Como diz Von Balthasar: “Na autoridade do pai, aprende a compreender o que é a autoridade de Deus. Ela olha o seu pai, o pai olha a Deus e assim aprende por seu intermédio a olhar a Deus”.

Escreve ela: “Ouvia bem, com efeito, mas olhava mais vezes para o Papá que para o pregador; o seu belo rosto dizia tantas coisas!... Às vezes os olhos enchiam-se-lhe de *lágrimas* que em vão se esforçava por conter. Parecia já nada o prender à terra, tanto a sua alma gostava de mergulhar nas verdades eternas ...” (Ms A 17v).

E nas orações da noite, Teresa coloca-se sempre junto de seu pai: “Não tenho senão olhar para ele para saber como rezam os santos ...” (*Ib.*).

Era tal a união e compenetração que existia entre ela e seu pai, que Teresa escreve imediatamente a seguir à morte dele: “Nosso Senhor levou-nos aquele que com tanta ternura amávamos ..., mas, acaso não foi para que pudéssemos dizer verdadeiramente: *Pai nosso que estás nos céus?*” (CT 188).

Este pai converteu-se para as suas filhas na imagem imediata de Deus Pai. A imagem do pai reflecte o

amor paternal daquele de quem toda a paternidade toma o seu nome. “Quando penso em ti, querido Paizinho, penso naturalmente em Deus, porque me parece que é impossível encontrar nesta terra alguém mais santo do que tu” (CT 58).

Santa Teresa do Menino Jesus e as suas irmãs

É preciso recordar algo que anda muito esquecido nas sociedades avançadas da nossa época, o direito de toda a criança a ter irmãos. Como escreve um autor: “Os irmãos que pareciam estorvar-nos tanto em alguns momentos da nossa infância, ensinaram-nos a praticar a generosidade e a tolerância, a actuar em equipa, a tomar em consideração a decisão dos outros; a comprovar que a fidelidade compartilhada se multiplica, enquanto que a dor se suporta melhor; a dar-nos conta bem cedo de que embora criados no mesmo lar temos gostos, costumes e ideias diferentes, que devemos respeitar. O afecto e o amor de irmãos somente o podem compreender plenamente aqueles que tiveram o privilégio de o experimentar”.

Teresa teve o privilégio de contar com muitos irmãos: quatro que não chegou a conhecer, mas estavam muito presentes no seu coração e outras quatro. É difícil supor o que teria sido Teresa sem o calor grande e terno de Maria, Paulina, Leónia e Celina. Cada uma delas desempenhará o seu papel no desenvolvimento da irmã menor. Não há dúvida nenhuma que a maior influência vem de Paulina, sem esquecer a Celina que foi a companheira da sua infância.

Morte da mãe

Célia morre de cancro à idade de 46 anos. Mulher inteligente e fora do comum enfrenta a hora da morte com grande realismo e impressionante lucidez. Ela confia a direcção da casa e a educação das duas mais pequenas a Maria e Paulina.

Aquilo que mais a preocupa não são as duas mais pequenas. O espinho mais doloroso que leva no seu coração é o futuro de Leónia. A menina de cabelos loiros e olhos azuis claros tem sido vítima da criada. Célia fez tudo o que estava ao seu alcance, pôs em acção todo o carinho e ternura de que é capaz uma mãe para a recuperar. Leónia é um sinal negro na família Martin.

Teresa, na plenitude humana e espiritual da sua vida, tentará, com longas e preciosas cartas transmitir-lhe o melhor da sua mensagem de amor e confiança. Por fim, Leónia chegará a vislumbrar o caminho do amor traçado pela sua mãe e vivido até ao limite por Teresa.

“A minha mãe será Paulina”

No momento da morte da mãe, Maria tem 17 anos, Paulina 16, Leónia 14, Celina, 8 e Teresa 4. No mesmo dia do funeral da mãe, as cinco irmãs estavam reunidas em sua casa. Olhavam-se com tristeza até que a criada rompe o silêncio e dirigindo-se para as duas mais pequenas, exclama: “Pobres pequenas, já não tendes mãe! ... Então a Celina lançou-se nos braços da Maria, dizendo: - Pois bem! Tu serás a mamã. Eu estava habituada a fazer como ela, mas voltei-me para vós, minha Madre, e, como se o futuro tivesse já rasgado o seu véu, lancei-me nos vossos braços, exclamando: Pois bem! para mim a Paulina será a mamã! ...” (Ms A 12v e 13r).

Paulina é uma verdadeira Guérin, morena e a mais baixa das irmãs. Dinâmica, muito feminina, hábil para as relações sociais. Empreendedora e decidida perante os obstáculos. Inteligente. Tanto física como espiritualmente é a cópia fiel da mãe; também é a sua preferida.

Desde a sua mais tenra infância o ideal de Teresa tinha sido Paulina (Cf. Ms A, 6v). Por isso, instintivamente a escolhe por mãe. Em Paulina tornará a encontrar a pequena o eco vivo de sua mãe, doutra maneira não teria chegado a ser a santa que hoje conhecemos. Soube encher com inteligência e delicadeza o vazio do coração por morte da mãe. Na plenitude da sua vida Teresa escreverá: “às vezes pergunto a mim própria como conseguistes educar-me com tanto *amor*

e delicadeza, sem me estragardes com mimo, pois a verdade é que não deixáveis passar uma única imperfeição. *Nunca* me ralháveis sem razão; mas nunca voltáveis atrás após haverdes tomado uma decisão” (Ms A 18v).

Há um outro facto que ajuda a amortizar o golpe que supõe a morte da mãe. Luís Martin, aconselhado pelo seu cunhado e as suas duas filhas mais velhas, decide deixar Alençon e trasladar-se para Lisieux. Dois meses depois da morte da sua esposa, o senhor Martin e as suas cinco filhas encontram-se instalados numa linda casinha com um belo jardim. Os laços familiares com os tios e as primas tornam-se mais íntimos e tudo ajuda a superar qualquer trauma. Teresa recebe com alegria a mudança: “Não senti nenhuma pena ao deixar Alençon; as crianças gostam da mudança, e foi com gosto que vim para Lisieux” (Ms A 13v).



Ninguém, para além de seus pais, influenciou tanto a vida de Teresa como Paulina. Muitas intuições de Teresa têm a sua origem em Paulina. Paulina propõe os grandes ideais da fé e Teresa leva-os à prática.

Para ela a sua irmã Paulina é “como essa andorinha que se vê sempre à frente das suas companheiras e que no ar traça o caminho” (CT 216); é “o anjo que Jesus enviou diante de mim para preparar-me o caminho” (CT 229). “Fazeis-me maior bem que todos os livros do mundo”, escreverá Teresa numa das suas últimas cartas (CT 203).

Teresa e a sua irmã Maria

Maria é a irmã mais velha, a preferida de seu pai, a que assumirá a direcção da casa depois da morte da mãe. Ela desempenha um papel importante na vida de Teresa, mas um papel diferente de Paulina. A sua presença foi vital, principalmente, na doença dos escrúpulos (Cf. Ms A 41v). É a Maria que devemos, pelo menos indirectamente, a redacção da *História de uma alma*.

Teresa e a sua irmã Celina

O quadro não ficaria completo se não falássemos do amor de Teresa a Celina, a sua irmã predilecta. Celina é ao mesmo tempo irmã e amiga, a íntima do coração que abre à pequena Teresa os segredos inebriantes da pura amizade humana em Deus.

Embora as cartas comecem só com a sua entrada no Carmelo, manifestam um amor que já vem detrás. “Querida

irmã, a tua Teresa compreendeu toda a tua alma, leu nela ainda mais do que tu lhe escreveste. Compreendi a tristeza de Domingo, senti tudo ... Parecia-me ao ler que a mesma alma nos animava, há entre as nossas almas alguma coisa tão sensível, que se assemelha tanto. Sempre estivemos unidas; as nossas alegrias, as nossas tristezas, tudo foi comum. Ah! sinto que isto continua assim no Carmelo, nunca, nunca separaremos” (CT 57).

Outra vez, depois de ter derramado o seu coração, escreve: “Perdoa-me, precisava de ter ainda contigo uma conversa como as de outrora. Mas esse tempo não passou, continuamos sempre a ser a *mesma alma*, e os nossos pensamentos são os *mesmos* que eram às janelas do belveder...” (CT 65).

Um ano, depois de entrar no Carmelo, escreve: “Celina! ... Este nome querido ressoa docemente no

fundo do meu coração!... Os nossos dois corações não se harmonizam um com o outro perfeitamente?” (CT 85). “Celina! como falo bem contigo ... é como se falasse com a minha alma ... Celina, parece-me que a ti posso dizer tudo...” (CT 96). “Celina, tudo o que tenho a dizer-te, tu sabe-lo, porque tu és eu ...” (CT 108). “Nunca (fomos) senão uma só alma” (CT 127). “Oh! Celina, amemos a Jesus até ao infinito e dos nossos dois corações façamos apenas um para que Ele seja maior em amor!... Celina, contigo nunca mais acabaria, compreende tudo o que gostaria de dizer pelos teus vinte e dois anos! ... A tua irmãzinha que é só uma contigo” (Ib.). “Parece-me que estes quatro anos (de Carmelita) apertaram mais ainda os laços que nos uniam tão intimamente. Quanto mais avançamos na vida mais amamos a Jesus, e como é n’Ele que nos queremos bem é por isso que a nossa afeição se torna tão forte, que é antes *A unidade* do que a união que existe entre as nossas duas almas!...” (CT 132).

Como conclusão podemos dizer: Teresa desperta num mundo de santidade. Sente uma grande admiração pelo ambiente familiar. Somente vê a parte bela. E tem o sentimento de que todo este ambiente foi construído por Deus para nutrir e guardar as “tenras e raras plantas” que dentro dele crescem.

Tudo está aberto a Deus, tudo fala de Deus e conduz a Deus. Deus é o mistério que enche a vida dos pais e das irmãs. A família de Teresa tem algo de sacramental. É um sinal eficaz, que há-de ser lido absolutamente como sinal, de uma realidade que é ao mesmo tempo superior e inerente a ela.

Pequena história de uma flor

A 2 de Janeiro de 1873, numa Quinta-feira, às onze e meia da noite, nasceu aquela que seria chamada Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. A mãe fez imediatamente a oração com que saudava o nascimento de todos os seus filhos: “Senhor, concedei-me a graça de ela vos ser consagrada e de nada vir manchar a pureza da sua alma. Se há-de perder-se um dia prefiro que ma leveis imediatamente”.

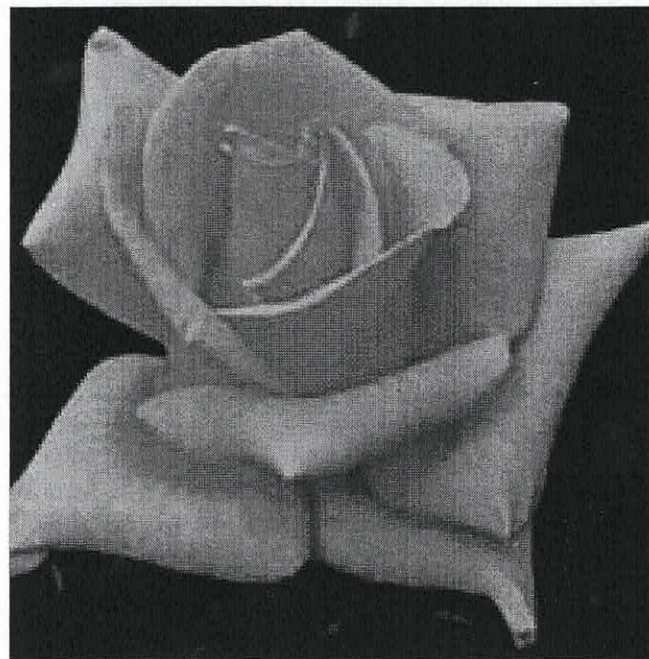
Apenas a notícia constou tocaram à porta. Um rapazito entregou um papel dirigido aos pais em que estavam escritas estas palavras: “Cresce depressa, a sorrir! / Tudo te chama à alegria: / Doces cuidados, ternura, / Botão que acabas de abrir! / Hás-de ser rosa algum dia!”. Era um gesto dedicado de um pai de família que o senhor Martin encontrara um dia, com a mulher e o filho, com fome, desorientados, recolhidos num portal da Prefeitura. A senhora Martin, comovida com a miséria tão digna, mandou-os entrar, deu-lhes de comer, conquistou-lhes a confiança, enquanto o marido se encarregava activamente de procurar uma situação conveniente para o infeliz desempregado.

No dia 4 de Janeiro foi baptizada, tomando o nome de Maria Francisca Teresa, sendo padrinhos a sua irmã mais velha, Maria, que ia fazer treze anos e um rapaz da mesma idade, filho de um amigo do senhor Martin. Depois de ter tentado amamentar a menina o que

considerava um dever e uma consolação, a senhora Martin teve de interromper a experiência. Receia que esteja doente de intestinos pois nota nela os mesmos sintomas existentes nos filhos que tinham morrido. Segundo a opinião do médico só a amamentação natural podia salvar a criança. A senhora Martin pensou na “Rosinha” e dirige-se pressurosa para Semallé. Naquele ambiente Teresinha reviveu e no dia 2 de Abril de 1874, Teresinha, que contava quinze meses, volta novamente para Alençon.

Aos quatro anos e meio a “pequena flor” perde a sua santa mãe, mas nem por isso a flor murcha. Transferida a família para Lisieux, coisa que acontece a 14 de Novembro de 1877. Teresa tem quase 5 anos e não sentiu o menor desgosto por deixar Alençon. Aos 6 anos visita pela primeira vez a capela do Carmelo de Lisieux. Aos oito anos entra na Abadia Beneditina de Lisieux como semi-interna. Aos nove anos, a Paulina entra no Carmelo, tomando o nome de Inês de Jesus e Teresa regressa às aulas.

Pensamos que a mudança do seu carácter começa a partir da sua entrada no colégio das beneditinas. Aos oito anos e meio Teresa começa a notar certa mudança na sua vida. Aquela criança viva e expansiva começa a tornar-se tímida e doce, sensível em extremo. No dia 3 de Outubro entra no colégio. Tem oito anos e nove meses. Como ela ia bem preparada a directora do colégio coloca-a na classe verde, assim chamada pela cor do cinturão do uniforme. Teresa vai pagar caro esta decisão errada da direcção do colégio. Com as alunas da sua idade não tem problemas de convivência, com as da sua classe tem muitos. Estas sentem inveja, não suportam a presença de Teresa e, por isso é objecto de mil diabruras. Este choque é terrível. “A pobre Florzinha estava habituada a enterrar as suas frágeis raízes numa terra escolhida, feita



expressamente para ela, e por isso, pareceu-lhe muito duro ver-se no meio de flores de todas as espécies, com raízes muitas vezes bem pouco delicadas” (Ms A 22r). Com a sua natureza tímida e delicada, não se sabia defender. “Conformava-me com chorar sem dizer nada” (Ms A 22v).

Aos 10 anos Teresa foi atingida por uma estranha doença. No diagnóstico dos médicos tratava-se de uma doença mortal. Tinha visões aterradoras que gelavam aqueles que ouviam os seus gritos de angústia. Teresa, doze anos mais tarde, na História de uma Alma, qualifica esta doença de “estranha”, atribuindo ao demónio o seu grave mal-estar: “Não sei como descrever doença tão estranha. Agora estou persuadida

de que era obra do demónio” (Ms A 28v). A cura é súbita e instantânea e vai precedida por uma visão de Nossa Senhora. Depois da visão de Nossa Senhora o seu rosto recobrou a serenidade e a beleza e jamais reapareceu depois algum rasto desta estranha doença.

Teresa prepara-se para a sua primeira comunhão. Maria e Paulina tomam a peito esta preparação. Paulina convida a sua irmã a “agradar a Jesus” que gosta de viver no profundo da cada pessoa. Este é que é o verdadeiro céu de Jesus Eucaristia. A preparação feita pelo capelão do colégio só a entristece. Nos dias de retiro para a primeira comunhão, o sacerdote fala às pequenas do inferno, da condenação eterna, da morte e do juízo. No dia anterior à comunhão a sua reflexão versará sobre a comunhão sacrílega. Teresa anotarà no seu caderno de apontamentos: “Disse-nos coisas que me meteram muito medo”.

Um ano depois da sua primeira comunhão, Maio de 1885, Teresa entra numa fase difícil da sua vida. Está com doze anos e meio, em pleno desenvolvimento. Prepara-se para a comunhão solene. Começa o retiro de preparação no dia 17 de Maio à tarde até dia 21 inclusive. É o mesmo sacerdote e trata os mesmo temas, mas o impacto é maior. Anota Teresa no seu caderno de apontamentos: “Aquilo que nos disse o senhor Abade era muito espantoso, falou-nos do pecado mortal”.

Este retiro para ela tornou-se muito difícil, mesmo muito penoso. A reflexão do capelão sobre a situação de uma alma em pecado mortal horroriza a Teresa. Será o ponto de partida da sua grande crise que durará até fins de 1886. Foi assaltada pela doença dos escrúpulos: “Durante o meu retiro para a Segunda Comunhão que me vi assaltada pela terrível doença dos escrúpulos... É preciso ter passado por esse martírio, para o compreender bem. Ser-me-ia impossível dizer o que sofri durante ano e meio...” (Ms A 39r).

Aquela que queria aspirar à santidade a toda à custa, encontra-se agora tolhida pela obsessão do pecado: “Todos os meus pensamentos e as minhas simples acções se tornavam para mim motivo de perturbação” (Ms A 39r). A possibilidade de ser “uma grande santa” vai-se diluindo pouco a pouco. O tormento redobra. O pecado espreita em todo o lado. Tudo era “para mim tristeza e amargura... Realmente, eu contristava-me com tudo!” (Ms A 43r).

Para ela as vésperas das confissões são dias de um autêntico sofrimento: “Não tinha sossego... Logo que descarregava o meu fardo, desfrutava de um momento de paz; mas essa paz passava como um relâmpago e, pouco depois, recomeçava o meu martírio” (Ms 39r-v).

Teresa não podia confiar já em ninguém, pois a sua madrinha tinha entrado no Carmelo, por isso recorre ao Céu. “Dirigi-me aos quatro anjinhos que me tinham precedido lá em cima, pois pensava que essas almas inocentes, não tendo nunca conhecido as perturbações nem o temor, deviam ter piedade da pobre irmãzinha que sofria na terra. Falei-lhes com uma simplicidade de criança, fazendo-lhes notar que, sendo a última da família, tinha sido sempre a mais amada, a mais cumulada das ternuras das minhas irmãs, e que se eles tivessem ficado na terra, me teriam, sem dúvida, dado provas da sua afeição... A partida deles para o Céu não me parecia uma razão para me esquecerem; pelo contrário, encontrando-se em situação de se servirem dos tesouros divinos, deviam alcançar-me a paz e mostrar-me assim que também no Céu se sabe amar!” (Ms A 44r).

Ela sente-se curada dos seus escrúpulos, porque se sente amada. E chega à conclusão “que também no céu se sabe amar”.

Teresa reconhecia a sua “excessiva sensibilidade” e como ela se tornava “verdadeiramente insuportável”. Chorava por tudo e por nada: “Se me acontecia causar involuntariamente algum pequeno desgosto a

alguém de quem gostava, em vez de levantar a cabeça e de não *chorar*, *chorava* como uma Madalena, o que aumentava a minha falta, em vez de a diminuir; e quando começava a consolar-me pelo facto em si mesmo, *chorava por ter chorado...* Todos os argumentos eram inúteis, e não conseguia corrigir-me desse rele defeito. Não sei como acalentava o doce pensamento de entrar para o Carmelo, estando ainda nas *fraldas da infância!*...” (Ms A 44v).

Teresa está a fazer uma caminhada impressionante. Descobre que tem de sair de si mesma e entregar-se aos outros. Ela não pode continuar a viver centrada em si e para si mesma, mas para Deus e para os outros. Tem que entrar num mundo muito mais amplo: o mundo de Jesus e da Igreja e preocupar-se com os pecadores. Apesar do esforço que ela está a fazer, Teresa reconhece que só um milagre pode mudar a sua sensibilidade: “Foi preciso Deus fazer um pequeno milagre para me fazer *crescer* num instante, e esse milagre fê-lo no dia inesquecível de Natal. [...] Nessa *noite* em que Ele se fez *fraco* e *sufredor* por meu amor, tornou-me *forte* e *corajosa*; revestiu-me com as suas armas; e desde essa noite bendita, não fui vencida em nenhum combate [...]. Foi no dia 25 de Dezembro de 1886 que recebi a graça de sair da infância, numa palavra, a graça da minha completa conversão” (Ms A 44v-45r).

A partir daqui Teresa começa uma “carreira de gigante” como ela mesma diz, que só terminará a 30 de Setembro de 1897. Ela tem pressa em entrar no Carmelo, pois já há muito tempo que ela pensava fazer-se Carmelita. Ela põe uma data limite: Natal de 1887. Quer celebrar desta maneira o primeiro aniversário da sua “conversão”. Ela está consciente das dificuldades que se lhe vão deparar, mas o chamamento de Deus é tão insistente que está disposta a “atravessar as chamas” (Ms A 49r) para conseguir realizar o seu desejo. O seu tio Isidoro não está de acordo. O delegado das religiosas, o abade Delatroette, não o permite. Tirando a sua irmã Paulina e Celina as outras também não estão de acordo. O pai ao receber o pedido da filha, aproxima-se de um muro pouco elevado do jardim “mostrou-me florzinhas brancas parecidas com lírios em miniatura, e, pegando numa dessas flores, deu-me, explicando-me com que cuidado Deus a tinha feito nascer e a tinha conservado até àquele dia. Ouvindo-o falar, julgava escutar a minha história, tal era a semelhança entre o que Jesus fizera pela florzinha e pela Teresinha ... Recebi essa florzita como uma relíquia. Notei que, ao colhê-la, o Papá tinha arrancado todas as suas raízes sem as partir; parecia destinada a continuar a viver noutra terra mais fértil que o musgo delicado em que tinham decorrido as suas primeiras manhãs...” (Ms A 50v).

Teresa é capaz de ir ao seu Bispo e até ao Papa, como aconteceu, para entrar no Carmelo aos 15 anos. Está convencida que é ali onde ela pode ser “uma grande santa”. Dias antes de entrar no Carmelo Teresa afirma decididamente: “Encontrei no outro dia umas palavras que me agradam muito, já não me lembro quem foi o santo que as disse; eram assim: «não sou perfeito mas quero sê-lo»” (CT 45).

Teresa entra no Carmelo de Lisieux no dia 9 de Abril de 1888. Toma o hábito no dia 10 de Janeiro do ano seguinte. Faz a primeira profissão no dia 8 de Setembro de 1890 e faz o Oferecimento ao Amor Misericordioso no dia 9 de Junho de 1895, dia da Santíssima Trindade. Faleceu no dia 30 de Setembro de 1897.

Teresa começou a redacção do Manuscrito A em 1895, em obediência à Madre Inês, sua irmã Paulina, prioresa da comunidade. Ela intitula assim a obra: “História primaveril de uma Florzinha branca escrita por ela própria e dedicada à Reverenda Madre Inês de Jesus”.

P. Jeremias Carlos Vechina ocd



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Nossa Senhora do Carmo, 2 – Moita Redonda – 2495-423 Fátima Tel. 249 531 210 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt